

O NETO DO SIMPLICIO.

PAPELUXO DE BOM GOSTO.

Este novo Periodico sahirá em hum dos dias da Semana; em consequencia de não ter dia certo. Vender-se ha nas casas onde for annunciado; por preço muito diminuto, em razão de ser pago em cobre; para que os Cambistas não alterem o agio. Este hum Papeluxo he natural de bom genio, por isso permite conter alguma revolução de attomago dos Petimetres; assim como na dos Papalvos, que elle encontra Isto sem lhe escapar alguma Ratazana, Camondongo, ou Kormiga.

Rio de Janeiro, na Typ. do Diario, 1831.

O Neto do Simplicio com nimia humilhação tem de assegurar ao Publico (não fallando com seos inimigos Papalvos) que elle foi attendido dos Petimetres, que andavão com chapéo de palha, que finalmente por justa razão, cederão ás suas supplicas, ainda que andão, algumas soberanas jaquetas, com o tal casquete; mas o Neto do Simplicio os desculpa, attendendo ás suas districtas circumstancias de meias. Pois o Neto do Simplicio bem sabe, que, para taes petimetres trazerem chapéo d'outra qualquer fazenda, ondem dar naturalmente, de seis a vinte mil reis por cada hum, e e-tes de esteirinha com quer quer meia pataca se anda de chapéo. Não digão os Srs. Petimetres, semi-casquilhos, que o trazerem, chapéo-zinbo de palha he Liberalismo, e Patriotismo, mas sim, anarquismo, e bobismo. O Neto do Simplicio tambem he Liberal, e amigo da Liberdade (bem entendida) Amigo de coração, e não em trazer chapéo de apasnar Amendoim... ondem tambem querer dizer que ha por ser obra do seo paiz, mas, pergunto: para que trazem o mais vestuario estrangeiro? e leito a estrangeira! Então em tal caso tragão, o chapelinho de palha, vestido de algodão de Minas, e calçado da terra. Debão vinho da ter-

ra que ha muito saboroso, como pão da terra, fructa, bacalhão da terra &c. &c. que o Neto do Simplicio vendo todos os seus patricios geralmente o fazereem, tambem com muito gosto o praticará, e não andem por esse mundo de Deos servindo d'objecto de riso, e de buba para com o estrangeirismo que tanto nos tem vexado.

O Neto do Simplicio pede por caridade ao Medico dos Malucos, ultimamente chegado a esta Corte, queira por meio da sua loja, applicar algum remedio (visto querer tambem tomar parte nos incommodos dos mesmos) para enchimento de algumas cabeças óccas d'esses exturdidos papalvos, que andão inventando modinhas exoticas, como passa o Neto do S. a contar algumas que tem observado. Passeando o Neto do S. pelo passeio publico, encontra com dois papalvos-zinhos, com calças á Pucara, cazaca sem abas, ambos com chapéo de pello e neste trazião hum laço de velludo verde com botão no centro, amarello, o qual Laço, tinha hum pé comprido que pregava no chapéo; finalmente era hum destes corruptios que os moleques trazem no tempo de vento. Que taes cabeças zinhas, Sr. Medico dos Malucos! O Neto do Simplicio lhe pede com urgencia que dê remedio a estas óccas cabecinhas, ainda que as encha de estopa, tudo he obra de Caridade. Quando não d'aqui a pouco andarão com a costura da roupa, da parte exterior, vestirão as calças com o alsapão para traz, quando tambem inventarão trazer Albarba! Sr. Medico dos Malucos se V. S. quer huma vez ser util a esta gente, e homem de caridade, queira os favorecer, que tambem será agradecido pelo Neto do S. Ora veja o publico o que vai no mundo, ou alias nas cabeças-zinhas destes desgraçados? Assim como veja o quanto o Neto do S. se exforça para bem dos petimetres! E qual será a paga do Neto do S.? Talvez a paga que os petimetres lhe dê seja huma mizura que costumão fazer os Ilheos depois de morto!! Boa vai ella!! E se tal acontecer? Mas deixemos falar quem tem boca, os petimetres não andem ser tão ingratos nem tão mãos, que uzem d'semelhante cousa. Todavia o Neto do Simplicio em quanto encontrar motivos para palrar não cessará de o fazer, em consequencia dos petimetres o não attenderem. Tenhão santa paciencia, que o Neto do S. tambem a tem com elles. Cazo acistado.

No Domingo passado, encontra o Neto do Simplicio com

traz semi-petimetres (com o devido chapéo de palha) na rua do Ouvidor, e cer. petimetre, que se anadita patusco, diz para seus camaradas, que hia fazer as barbas a casa d'hum barbeiro francez, por este pôr cheiros na cabeça; entrando o petimetre por a casa do barbeiro, assentou-se n'hum cadeira, e pede que lhe faça a barba, e lhe deixasse hum pin-sel-zinho no beigo que pilha o farello; o francez como era dos mais gaiatos, pega n'hum ponca de coirana e encheu a barba do petimetre, e trouxe hum navalha furrugenta com que a cozinheira segava as hervas; ora como hum navalha ha de sa que não se deve nem cortar hum linha, quanto podra hervas! o pobre pascacio com as picadas dos dentes que tina a navalha, ou de outro modo se lhe pode chamar hum serr-ra; sahe pela porta fora com a metade da barba por fazer?.. E dizendo que aquelle maldito barbeiro lhe havia de pagar. O Neto do S. que se achava naquella occasião, não desgostou de semelhante extravagancia, por ver que o trstinho petimetre não ter sinal de barba, e já querer impor de pin-sel-zinho, e gastar os tantos réis.

Nesta occasião foi o Neto do S. para sua casa, e ao abrir a sua portinha, deu com os seus olhinhos n'hum carta que estava no chão; pegando-a e abrindo-a, incluzo estavam hums papeis-zinhos que á primeira vista parecião Notas do Banco, por estarem muito sujas das mãos de quem os ali poz, e nada disto era, mas sim, hum correspondencia com hum carta de hum caixeiro da rua dos Pescadores, cuja dita vai transcripta.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor do Neto do Simplicio. — Estando eu em casa de certa.... chega hum moleque da mesma com hum cartinha na mão, e como a Senhora não soubesse ler, me pediu que a lesse, e eu pouco mais ou menos, conheci a letra, neste espaço foi a Senhora dentro á cozinha, e eu fui mettendo a carta no bolso, e chegando a Senhorita da cozinha, pergunta-me pela carta, e eu lhe respondi que ella já a tinha guardado. Sr. Redactor, que tal será esta personagem? A nossa desgraça nos chega a que nós ponhamos este rapasote no Neto do S., elle he bem conhecido, mora na rua dos Pescadores indo lá para S. Rita á direita, tem sinas: meio canhoto,

sobrancelhas mui pretas e crescidas, e bigodes da Guarda de Honra, (nunca feitos.)

Carta Transcripta.

Estimadissima e prezadissima Senhora da minha alma: não sabe quanto meu interior está sentido de não ter noticias da minha amada, paciencia; lá birá tempo que os nossos corações se ajuntem como hum carosso de pessego doçao; não lhe tenho mandando pecunia porque a gabeta de meo amo está muito exausta, no entanto remeto-lhe este raminho, e desenhos que he para melhor lhe communicar o meu amor, mais balle do que quanto dinheiro ha, lá birá tempo que eu sahea desta escravidão; porque o ganho de carreiro nem chega para comprar de vallas... e meo coração deserto num pode estar quêdo em quanto não me mendar noticias suas.

Sou com deveras teo amante
e firmeza vem.

J. &c. &c.

1.

Vai-te Carta benturoza
A quellas mãos de Marfim
Carta poem-te de Joelhos
Da-lhe hum abraço por mim.

3.

Vai-te Carta benturoza
A's mãos de meo vem patar
Pede-lhe com piedade
De mim se queira lembrar.

2.

Vai-te Carta benturoza
Que lindos olhos vais ber
Carta poem-te de Joelhos
Quando te forem a ler.

4.

Vai-te Carta benturoza
A mão de doce bem enlazar
Quando te forem a abrir
Pede-lhe mimosa mão a benjar.